

## **A ATUAÇÃO DO MISSIONÁRIO SCALABRINIANO PIETRO COLBACHINI E O CONFRONTO ENTRE O CATOLICISMO BRASILEIRO E IMIGRANTE NO FINAL DO SÉCULO XIX**

O fenômeno conhecido como Grande Emigração, que temporalmente se localiza entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX é apontado por diversos especialistas como fator decisivo nas transformações demográficas, culturais e econômicas da sociedade brasileira. Por outro lado este teve um papel fundamental também nas transformações religiosas, sobretudo católicas. Junto com o deslocamento de grandes contingentes populacionais, na sua maioria de origem europeia e de religião católica, muitos religiosos e suas respectivas ordens vieram se instalar no Brasil. Assim deram uma contribuição decisiva para a renovação do catolicismo brasileiro que até então apresentava características muito diversas do europeu.

Esse texto tem como objetivo principal discutir alguns aspectos dos confrontos e dos embates entre o catolicismo brasileiro e aquele trazido por imigrantes italianos, bem como as dificuldades para a inserção do modelo trazido da sociedade de origem. Para tal empreitada centraremos nossa análise na trajetória do missionário italiano Pietro Colbachini e de sua visão sobre o clero e o catolicismo brasileiro bem como o seu projeto junto aos imigrantes italianos no Paraná. Antes de adentrarmos na análise específica desse missionário torna-se necessário contextualizarmos brevemente a posição da Igreja Católica, sobretudo aquela da Igreja de Roma, sobre o fenômeno imigratório.

No fim do século XIX, quando a emigração para fora da Europa atingia altas cifras, amplos setores do catolicismo começaram a manifestar interesse e preocupação. A Igreja Católica sem condições de impedir o fenômeno, tentou em alguns momentos dissuadir os italianos de emigrar, e quando isso não era possível buscou assisti-los de modo a evitar que estes perdessem sua fé. Exemplo disso foi à criação em 1887, por iniciativa do bispo de Piacenza Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini, da Ordem dos Missionários de São Carlos Borromeu<sup>1</sup>. Surgida como um apêndice da Propaganda Fide, a ordem religiosa tinha como principal missão o atendimento espiritual aos emigrados na América, mas também

---

<sup>1</sup> A missão foi oficialmente criada em 1887, não como fundação diocesana, mas como obra da Santa Sé funcionando quase como um apêndice da Propaganda Fide. Em 1895 foi ereta a condição de Ordem com autorização papal e regulamento próprio. Sobre a organização institucional da Congregação ver (TERRAGNI, 2014).

tinha uma missão social, educativa e de tutela. Nas palavras do bispo o objetivo da instituição era o de *evangelizar os filhos da miséria e do trabalho* dirigindo-se aquilo que ele chamava de *uma guerra de reconquista das almas dispersas nas distantes terras do novo mundo* (ROSOLI, 2001, p.34).

A criação da Ordem se deu após a sensibilização e preocupação do bispo, após receber inúmeros pedidos de imigrantes por socorro espiritual. Um imigrante vêneta instalado em São Paulo assim a ele escreveu: *estamos aqui como animais, se vive e se morre aqui sem padres, sem professores e sem médicos* (SCALABRINI apud FRANCESCONI, 1973, p.2). Para Scalabrini religião e pátria, sentimentos civis e religiosos, deveriam caminhar juntos, não eram coisas que deveriam ficar em polos separados, como podemos verificar em diversos de seus escritos. Para ele, os emigrados deveriam conservar a língua materna para melhor conservar a fé e os costumes ancestrais, mas também deveriam aprender rudimentos (ler, escrever e contar) na língua do país de acolhimento para sua melhor inserção social e econômica.

Foi uma figura extremamente sensível aos problemas políticos e religiosos que afetavam a Itália naquele contexto e que repercutiam diretamente nos seus conterrâneos emigrados. Apesar das relações entre Igreja e Estado italiano passarem por um momento delicado resultado, sobretudo, dos confrontos da unificação nacional que resultou na Questão Romana (1870) podemos perceber em Scalabrini uma atitude de conciliação entre ambas as partes. Dessa maneira adotou uma postura que não vinha de encontro com as diretrizes ultramontanas romanas que havia rompido diálogo com o Estado Nacional italiano.

Alguns autores italianos como Assunta Trova (1981) sugerem que a atitude de colaboração da Igreja (na figura de Scalabrini) para com o Estado no campo da emigração tinha também conotações nacionalistas. Com a Igreja, ações governativas poderiam chegar aos locais onde o Estado italiano não poderia chegar. No mundo *contadino*, acostumados com a presença do padre como guia para as mais importantes decisões, era possível inculcar ideias de nacionalidade. A própria premissa de Scalabrini que defendia a preservação da língua e dos costumes pátrios como meio de preservar a fé, bem como a

fundação de várias sociedades de colonização coligadas com Sociedade San Raffaele<sup>2</sup>, pode ser entendida como parte de um projeto nacionalista italiano que se estenderia onde estes estivessem.

Ao procurar assistência ao maior numero possível de emigrados, Scalabrini se dedicou a uma insistente obra de sensibilização, seja da Santa Sé, dos bispos e do clero em geral, seja da opinião pública (FRANCESCONI, 1973, p.22). Dessa maneira, a criação da sua missão buscava evitar que aqueles que partissem para a América perdessem a sua fé por conta das situações adversas que iriam encontrar. Um de seus objetivos certamente era salvaguardar os seus conterrâneos do tríplice perigo da maçonaria, do protestantismo e do socialismo, na qual a Igreja estava em luta constante em várias partes do mundo naquele contexto (TERRAGNI, 2014, p.23).

Os dois países na América de atuação dos missionários escalabrinianos foram os Estados Unidos e o Brasil. No caso do primeiro a preocupação em relação à perda da fé era clara, pois a maioria da população do país hospedeiro era de religião protestante. Visto como terra do futuro, onde existiam grandes possibilidades de emprego e enriquecimento, foi para lá que se dirigiram milhares de italianos, tornando o país americano aquele que mais recebeu imigrantes. As dificuldades para conseguir assistência espiritual para os emigrantes certamente seriam inúmeras, daí a atenção especial de Scalabrini para os Estados Unidos, tanto que em uma de suas cartas o padre Pietro Colbachini se lamentou ao fato de Scalabrini mandar muito mais missionários aos Estados Unidos que ao Brasil (COLBACHINI, 1888).

No caso do Brasil, apesar do catolicismo ainda ser a religião oficial naquele momento, o bispo era muito bem informado do tipo de prática religiosa vigente no país e da escassez do clero que se agravava com o fenômeno migratório. Mas a assistência espiritual era apenas uma das preocupações do bispo. Objetivava-se também o crescimento

---

<sup>2</sup> A associação laica chamada *Sociedade San Raffaele* foi instituída em 1889 sob o modelo da homônima sociedade alemã *St. Rapahel-Verein*, fundada em Cahensley na Alemanha em 1871 e mais tarde aprovada pela Santa Sé. Cabia aos laicos pertencentes a essa Associação à tarefa de sensibilizar a opinião pública, assistir e acolher os emigrantes nos portos de partida e de chegada, bem como durante a travessia oceânica, de fazer pressão aos governos para melhorar as leis de emigração e de cuidar da alfabetização, informação e assistência sanitária nas terras de chegada. Genova, Boston e New York são as primeiras cidades portuárias a beneficiar-se das ações da Sociedade S. Raffaele italiana (TERRAGNI, 2014, p.20-21).

numérico do catolicismo sob os auspícios da Santa Sé. Sendo a Igreja fator de agregação étnica e mediadora cultural, a continuidade da língua e das práticas religiosas garantiria o desabrochar de várias associações paralelas (escolas e associações de vários gêneros) que garantiriam por muito tempo seu papel de intermediadora (ROSOLI, 1987, p.30-35). É justamente nesse contexto, na oportunidade de garantir por meio da imigração a expansão do catolicismo romanizado, que passamos a destacar a atuação do padre Pietro Colbachini entre os imigrantes italianos.

Pietro Colbachini nasceu em Bassano Del Grappa, província de Vicenza, no Vêneto em 12 de setembro de 1845. Entrou para a Ordem dos jesuítas mas não chegou a fazer os votos perpétuos por motivos de saúde, permanecendo assim como noviço. Posteriormente foi ordenado sacerdote em 1869. Na Itália tentou reunir missionários para atuar na América junto aos emigrados, mas não conseguiu. Sensibilizado pelos diversos pedidos dos seus conterrâneos por atendimento espiritual em 1884 conseguiu autorização da Sagrada Congregação de Propaganda Fide para ir a América como missionário Apostólico (AZZI, 1987, p.128). De fato, Colbachini queria criar uma Associação para atendimento dos emigrados, mas quando ficou sabendo da iniciativa de Scalabrini, imediatamente solicita sua filiação.

No seu texto autobiográfico de 1889 endereçado ao Mons. D. Francisco Spolverini, Internúncio Apostólico do Rio de Janeiro, sobre os seus cinco anos de missão junto aos imigrantes, já no início narra os lamentos de seus conterrâneos que haviam emigrado, bem como os primeiros dramas de sua viagem ao Brasil. Descreve com indignação a cena presenciada em que um jovem padre que acompanhava outro velho sacerdote para uma missão no Chile lança ao mar seu hábito religioso para abraçar a vida mundana:

Dois padres pertencentes a uma ilustre ordem vieram aumentar o meu isolamento. Um era velho, já decadente, que retornava ao Chile, onde tinha passado 30 anos, para descansar os ossos. O outro, jovem de 32 anos, vinha de um convento da Toscana como companheiro do velho e para missionar (como dizia) no Chile. O infeliz, cinco dias depois da partida de Gênova, já tinha contraído a peste dos maçons italianos e argentinos que formavam a comitiva de 1ª e 2ª classe. Não mais se aproximou de mim e se separou do seu velho companheiro. Nos últimos dias, jogou no mar o hábito religioso, raspou a barba, e, de braços com uma bailarina, sob os aplausos daquela gentinha, passeando no convés, onde eu estava recitando o breviário, fez sua entrada no mundo. Foi uma orgia satânica que durou cerca de três dias... (COLBACHINI, 1988, p.21).

O trecho do relato já dá o tom da visão do sacerdote bem como dos inimigos que deviam ser combatidos (maçonaria, liberais, protestantes, anticlericais), visão típica dos defensores do ultramontanismo. Ao chegar a São Paulo foi se apresentar ao bispo, que segundo ele o teria recebido de maneira bastante áspera, o qual teria dispensado apenas alguns minutos, além de ter colocado alguns impedimentos para o exercício de suas funções sacerdotais. De fato alguns bispos, como era o caso de D. Duarte de Leopoldo e Silva da diocese de São Paulo não eram favoráveis a presença do clero estrangeiro<sup>3</sup>, especialmente por conta das críticas que muitos religiosos faziam ao clero autóctone bem como de questões econômicas que giravam em torno do “direito de estola”<sup>4</sup>, assim como pela preferência dos imigrantes pelos padres de sua nacionalidade. Basta lembrar que ainda vivia-se o sistema de padroado, no qual os padres não passavam de meros funcionários do Império.

Por outro lado, temos a questão dos embates em torno da romanização do catolicismo brasileiro. D. Duarte foi um dos defensores da romanização da Igreja brasileira calcada numa rígida observância da hierarquia na qual a obediência deveria se dar também pelos padres estrangeiros. De fato, os missionários italianos (não apenas Colbachini, mas também missionários de outras ordens) enfrentaram dificuldades no estabelecimento de sua missão. O referido bispo chegou a proibir a instrução das crianças e a confissão em italiano. No populoso bairro italiano do Braz em São Paulo, havia dito claramente que nas três novas paróquias que se formaram os párocos deveriam ser brasileiros e que os religiosos italianos deveriam se submeter à autoridade do bispo (ROSSONI, 1982, p.226-230). Havia uma mensagem clara: os estrangeiros não deveriam receber tratamento diverso dos nacionais e que rapidamente deveriam se habituar a prática do catolicismo brasileiro.

---

<sup>3</sup> Uma certa antipatia pelo clero italiano era alimentado também por conta da presença de muitos sacerdotes oriundos do Sul da Itália, referenciados indistintamente como napolitanos, principalmente que enxergavam na emigração para a América uma oportunidade de enriquecimento e de levar uma vida semelhante aquela do clero brasileiro. Eram muitos aqueles que transgrediam o celibato e que se valiam da batina para obter benefícios e rendas financeiras.

<sup>4</sup> O direito de estola se referia ao sustento financeiro da paróquia a que cada sacerdote era confiado. A receita advinha justamente das cobranças de taxas referentes aos batismos, casamentos, pedidos de celebrações de missas para os fiéis defuntos, dízimos entre outros. Em muitos lugares, pelo fato de se tratar de populações pobres, os pagamentos se limitavam aos batizados e matrimônios. Isso acabava influenciando o tamanho das paróquias que tinham grandes dimensões territoriais cuja assistência espiritual se dava de maneira escassa e esporádica, se limitando muitas vezes apenas ao cumprimento dos preceitos básicos.

As dificuldades dos missionários se relacionavam também ao tipo de colonização. No caso das fazendas de café de São Paulo a assistência religiosa dependia muitas vezes da autorização dos proprietários, que não raras vezes colocavam obstáculos à presença dos padres. Essas dificuldades são destacadas por Colbachini na sua primeira experiência em uma colônia de mantovanos em Monserrate perto de Jundiaí. Em carta endereçada ao padre Mantese de 28 de fevereiro de 1887, Colbachini sublinhou os maiores problemas enfrentados, que se relacionavam principalmente a ignorância dos colonos, a precariedade de alojamento e a oposição por parte dos fazendeiros (COLBACHINI, 1988; AZZI, 1987).

Passei lá um ano e meio com muito incômodo de minha parte, pois quer com relação ao alojamento quer com relação à alimentação tinha apenas as coisas necessárias, e devia passar a vida entre aquela gente rude e cabeçuda como são os mantovanos. Com relação às colônias de fora (todas as visitadas por mim de três em três meses) deviam fazer bem à força, com exceção de duas cujos proprietários sentiam prazer pela minha obra. Viviam numa situação precária que não podia continuar. Não podia constituir numa verdadeira missão adequada a necessidade de tanta gente porque devia depender do capricho dos patrões, os quais não tinham em sua maior parte outra religião senão a do dinheiro. Gostavam que seus colonos fossem religiosos a fim de que não roubassem, mas por outro lado viam com desgosto o pouco tempo do trabalho que perdiam para ir à igreja (CARTA DE COBALCHINI a MANTESE, 28.02.1887).

No relato de Colbachini sobre sua experiência de quase dois anos nas fazendas paulistas também se sobressaem alguns aspectos importantes em relação ao catolicismo brasileiro, ao imigrante a sua visão sobre ambos. O primeiro deles refere-se à própria forma como o catolicismo era vivenciado em muitos setores da sociedade brasileira especialmente na elite, onde transparecia um caráter muito mais aparente do que espiritual, bem como seus interesses no papel da religião que lembra muito a mentalidade escravista e o papel legitimador das questões religiosas em relação à autoridade do senhor. Por outro lado destaca outro problema crucial para a prática do catolicismo: a carência de sacerdotes, e ainda mais a falta de moralização e instrução do clero local. Além de que, um padre atendia áreas muito grandes o que limitava o contato com seus fieis, sendo muito difícil a tarefa de reger os seus comportamentos. Tendo em vista as dificuldades de implementar o seu projeto em São Paulo, Colbachini solicitou sua transferência ao Paraná onde havia notícias de que a situação para atingir seus objetivos seria mais favorável que as fazendas paulistas. Também para lá muitos de seus conterrâneos haviam emigrado.

É importante também destacar que nos Estados Meridionais como o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os grupos ali fixados estavam em condições diversas daqueles de São Paulo, o que, por um lado favorecia as atividades missionárias. Como estavam organizados em colônias de pequenos proprietários, em um modelo que imitava a organização do mundo *contadino*, seria mais fácil para os sacerdotes organizarem o atendimento espiritual entre os colonos porque não haveria a interferência dos fazendeiros e também amenizariam as disputas com o clero local pelo *direito de estola*, mencionado anteriormente.

A presença italiana no Paraná em quantidade significativa data da década de 1870, quando sob a iniciativa do governador Adolpho Lamonha Lins foram criadas diversas colônias governamentais e particulares na capital e região. Em relação aos italianos, as primeiras experiências foram realizadas no litoral. Entretanto, várias dificuldades de adaptação levaram ao abandono dessa empreitada. A insalubridade do clima, a falta de conhecimento e orientação para superar as moléstias tropicais, as pragas da lavoura e a ausência de mercados consumidores próximos são apenas alguns dos problemas enfrentados (BALHANA, 1978, p.4). Também, os colonos foram instalados sem a mínima assistência para que progredissem, tanto por parte do governo, quanto da parte das empresas que promoviam a colonização. O próprio padre Pietro Colbachini, depois de ter visitado as colônias do litoral e visto o estado deplorável no qual se encontravam seus conterrâneos, começou a fazer campanha contra a instalação de imigrantes no litoral paranaense (COLBACHINI, 1988).

Diante do fracasso de instalar colônias no litoral, o governo investiu na colonização das regiões próximas a capital que apresentavam condições (climáticas, sanitárias e territoriais) mais favoráveis ao desenvolvimento econômico dos imigrantes, que na sua maioria eram agricultores. É justamente nessas colônias que se deu a atuação do referido sacerdote.

Quando Colbachini chegou ao Paraná, após receber vários pedidos dos próprios colonos que desejavam um padre que os atendesse na sua língua, encontrou uma série de dificuldades para regularizar o atendimento espiritual. A distância entre as colônias que chegavam a mais de 50 quilômetros, o fato de estar sozinho na missão e também por conta

de algumas colônias serem mistas ou estarem em meio à população de origem luso-brasileira eram apenas algumas das dificuldades.

Para regularizar o atendimento aos imigrantes e diante das condições adversas encontradas, em 1888 Cobalchini propõe à criação de uma Capelania Curada de modo semelhante aquela instaurada para os colonos poloneses alguns anos antes. Na verdade, esse projeto não foi uma ideia sua, mas já estava na mente de Scalabrini que tinha inclusive solicitado ao papa, por meio do prefeito da Propaganda Fide, o cuidado dos imigrantes aos missionários, os separando do clero autóctone e das paróquias locais (FRANCESCONI, 1973, p.40-42). Segundo essa proposta, os colonos seriam desligados das suas respectivas paróquias e passariam a fazer parte dessa Organização, que equivaleria a uma paróquia étnica. Sendo assim, os missionários italianos seriam diretamente responsáveis pelos seus conterrâneos enviando sacerdotes que os atenderiam na sua língua materna, conforme os desejos de Scalabrini. Entretanto o caminho para conseguir tal autorização não foi nada fácil porque tal proposta esbarrava justamente em questões de jurisdição territorial das paróquias brasileiras, bem como envolvia questões financeiras e implicava em uma cisão entre dois tipos de catolicismo bastante diversos (brasileiro e o italiano).

Colbachini num primeiro momento não conseguiu a autorização da S. Sede para criar uma paróquia com jurisdição só para os italianos, assim começou a tratar com a Vigararia Geral Forense do Paraná conseguindo a autorização para criar uma Capelania Curada (FRANCESCONI, 1973, p.40-46). É importante destacar que em questões de jurisdição territorial os bispos brasileiros evitavam entrar em conflito com seus respectivos párocos porque se tratavam de paróquias com grandes dimensões territoriais, temiam a perda de controle e, sobretudo, os emolumentos vindos das celebrações dos sacramentos (batismos e casamentos), o que levou Scalabrini a solicitar a intervenção da Santa Sé para regularizar o atendimento religioso entre os imigrantes (TERRAGNI, 2014, p.115).

Os conflitos gerados entre os missionários escalabrinianos que recebiam orientações de Piacenza e os bispos das dioceses brasileiras, especialmente em torno da ideia de separar o atendimento espiritual dos imigrantes do resto da população brasileira residia justamente no fato de que o vínculo de obediência e também a sustentação financeira da Organização não se vincularia a diocese na qual os imigrantes estavam

inseridos. Na mesma direção, essa atitude criava rivalidades entre os padres brasileiros e os missionários escalabrinianos, considerados por estes como muito exigentes (FRANCESCONI, 1973, p.40-46).

De fato percebe-se claramente nessa proposta a ideia de, por um lado impedir que os imigrantes acabassem se adaptando ao catolicismo brasileiro de caráter bastante superficial, e por outro lado, buscava; por meio dos imigrantes, criar focos de disseminação do catolicismo romanizado. Conforme escreveu em seu relatório sobre seus cinco primeiros anos de missão entre os colonos italianos: *Minha missão não poderia ser entendida por quem não conhecia outro ministério sacerdotal senão o de casar e batizar, atos que aqui importam em razão do recolhimento de não pouco dinheiro* (COLBACHINI, 1988, p.26). O confronto com o bispo de São Paulo se dava justamente porque implicava no questionamento de uma estrutura de catolicismo e porque ambos tinham propostas diferentes para a romanização do catolicismo. O bispo de São Paulo desejava o fortalecimento da Igreja brasileira pautada na observância na padronização das ações e na observância da hierarquia episcopal enquanto Colbachini defendia uma cega submissão de todos os católicos a Roma.

Desde seu estabelecimento em São Paulo, Colbachini não economizou críticas ao catolicismo brasileiro, bem como a atuação de padres e bispos. Em Carta a Scalabrini de 10 de março de 1888 quando já havia solicitado a abertura da Capelania ao bispo de São Paulo, podemos perceber o tom de crítica em relação ao clero autóctone:

“O Vigário Geral daqui foi promovido a Secretario do bispo, cargo muito almejado, e veio substituído por outro de que espero saberá o escopo da nossa missão e virá nos auxiliar. Porém não posso fazer muita conta de ajuda daqui, como são todos aqui, não considera na obra do sacerdote mais que um bom meio para viver. Nem mais nem menos se pode considerar que os párocos são como empregados governamentais para os livros civis de movimento da população. A missa a rezam quando lhe agradam ou não tem empenho, e quase tudo a fazem em 10 minutos ou pouco mais. Para confessar, nem os moribundos. De 100 que morrem 99 sem sacramentos, na cidade e fora. A propósito, neste momento estou esperando que me venha a pedir assistência a uma moribunda brasileira que mora duas léguas daqui. Dos padres brasileiros nem se vai notificar o caso porque se sabe que nenhum se move.” (COLBACHINI, 1988, p.29).

As críticas de Colbachini ao clero brasileiro se davam em vários sentidos: a superficialidade teológica, a falta de instrução, o descaso para com os fieis e também os comportamentos considerados “imorais” de alguns clérigos que mantinham concubinas

junta a casa paroquial e não faziam nenhuma questão de esconder seus filhos ilegítimos. Criticava também aqueles padres que toleravam o concubinato entre a população local, pois preferiam aceitar essa condição a abrir mão do pagamento das taxas. Também o fato de permitirem a publicação dos proclamas sem a averiguação dos impedimentos de consanguinidade e afinidade. Não raras vezes, escreve o sacerdote, quando tinha jurisdição para atender também os brasileiros, os dispensava do pagamento aqueles que não podiam pagar as taxas paroquiais o que gerava a indignação do clero nativo (COBALCHINI, 1988, p.25).

Outro ponto de crítica de Colbachini era a prática adotada pela diocese de obrigar os jovens imigrantes, meninos com mais de 14 anos e meninas de maiores de 12 anos, a se submeter à justificação de seu estado livre junto a Vigararia Geral, para assim obrigá-los o pagamento de uma taxa para tal fim. Considerava abusiva visto que na Itália os jovens de 14 a 20 anos não precisavam comprovar seu estado livre, portanto aqui também deveriam estar isentos de quaisquer taxas. Por estas e demais críticas e por seu caráter bastante intransigente, defensor árduo do ultramontanismo, Colbachini passou a atrair diversos inimigos sejam clérigos ou leigos.

Após recorrer a diversos meios para implementar sua missão, de viagens perdidas, encontros e desencontros com o bispo de São Paulo, Colbachini conseguiu a autorização para efetivar a Capelania Curada. Entretanto não ficou satisfeito, pois segundo ele, metade das colônias teriam ficado de fora da instituição.

Após formada a Capelania, Colbachini precisava de ajuda para o atendimento de colônias que se encontravam distantes uma das outras. Aliás, um problema recorrente na missão escalabriniana referia-se a problemática de obtenção de sacerdotes dispostos a abraçar a missão na América. Em agosto de 1888, foram enviados ao Paraná dois sacerdotes, Domenico Mantese e Giuseppe Molinari. Entretanto, eles permaneceram pouco tempo, não se adaptaram ao clima, vindo o primeiro a ficar doente. Também a convivência com Colbachini era difícil. De espírito austero e bastante rígido, esperava como chefe da missão, a obediência irrestrita dos dois sacerdotes, fato que não acontecia.

Menos de dois anos depois são encaminhados aos Estados Unidos, no qual Mantese vem a falecer logo em seguida (FEDALTO, 1978, p.72). Além da atuação desses

dois sacerdotes, Colbachini contava também com o auxílio de Francisco Bonato, sacerdote secular italiano que entre 1887 e 1895 atuou entre os colonos italianos de Timbituva (Campo Largo), colônia na qual, parentes seus haviam ido morar.

Não foram apenas problemas de falta de mão de obra que Colbachini teve de superar, mas também de seus adversários fossem eles laicos ou religiosos. O referido sacerdote foi uma figura emblemática na defesa da moralização do catolicismo e no combate a determinadas práticas que reinava na sociedade luso-brasileira na qual os imigrantes acabavam por se adequar. De formação ascética Colbachini foi particularmente rígido com relação ao lazer, combateu com veemência as bebedeiras, os bailes, as festas, a frequência às vendas, censurou as vestimentas femininas e combatia a blasfêmia que comumente encontrava entre seus conterrâneos. Também criticou abertamente os liberais, os maçons, protestantes e espíritas e em alguns casos interferiu em questões pessoais ou familiares dos locais onde prestava atendimento<sup>5</sup>.

No ano de 1888 quase foi morto na Colônia de Alfredo Chaves (Colombo) por conta da mediação do padre em uma questão familiar. Uma jovem brasileira de 16 anos teria solicitado sua ajuda contra seu companheiro (um imigrante calabrês) que a teria raptado e a mantinha em um relacionamento forçado havia seis meses. Colbachini teria devolvido a jovem a sua mãe. Quando o homem retornou de suas atividades, não encontrando a jovem e sabendo da intervenção do padre jurou vingança. Oito meses depois o homem tentou cumprir suas ameaças, mas, Colbachini conseguiu escapar e foi à polícia denunciá-lo. Semanas depois novamente o padre é ameaçado e o episódio só chega ao fim com um acordo entre ambos mediante a intervenção do chefe de polícia.

No ano seguinte, em Paranaguá, sofreu novas ameaças e um atentado de morte. Desta vez as ameaças vieram de outro sujeito pelo fato do padre ter confessado sua mulher. Em duas ocasiões Colbachini se viu novamente em perigo. Da primeira, sofreu uma agressão física e foi salvo pelos colonos que se encontravam por perto, e da segunda, sofreu ameaças dentro da igreja onde celebrava a missa. Diante do ocorrido informou o

---

<sup>5</sup> Os parágrafos seguintes estão baseados nos seus relatos sobre seus primeiros anos de missão no Paraná (COLBACHINI, 1989, p.34-37).

delegado de polícia de Paranaguá solicitando escolta durante os dias em que pregava na cidade.

Nos dois casos citados, percebemos que as ameaças e os atentados sofridos pelo padre referem-se a sua interferência em questões relativas ao espaço cotidiano, privado da sociedade luso-brasileira. Nas regiões da Itália na qual o padre atuava era comum à interferência do sacerdote em questões cotidianas, familiares, de vizinhança. No Brasil encontrou uma situação bastante diversa, na qual os padres brasileiros, por exemplo, toleravam o concubinato e não se valiam da confissão para moralizar o comportamento dos fieis. Certamente a atitude de Colbachini, na sua busca por moralizar os costumes, se confrontava com hábitos e práticas arraigados na cultura local. Nos dois casos, embora tenhamos apenas a sua visão dos acontecimentos, podemos apontar que a atitude do padre interferia em um elemento que é central em uma sociedade marcadamente patriarcal: a honra.

As críticas de Colbachini não se limitaram ao clero nativo ou aos costumes e comportamentos da população luso-brasileira, atacou com veemência os italianos de cunho liberal e anarquista que viviam no Paraná, mais especificamente em Curitiba. Podemos destacar que as batalhas travadas na Itália entre liberais e católicos ultramontanos do período da unificação política também se reproduziam nas áreas de imigração. Em Curitiba, no mesmo contexto que estava sendo implantada a missão escalabriniana, por iniciativa de alguns italianos que viviam na cidade foi criada uma Sociedade de beneficência intitulada Giuseppe Garibaldi<sup>6</sup>, com o objetivo de fundar uma escola italiana. Tal iniciativa que tinha por objetivo instruir as crianças ítalo-brasileiras, mas também com conotações nacionalistas, que inclusive recebia ajuda do governo italiano, foi atacada por Colbachini que a acusava de maçônica<sup>7</sup>.

---

<sup>10</sup> A *Società Italiana di Beneficenza Giuseppe Garibaldi* foi fundada por um grupo de imigrantes italianos e alguns nacionais no ano de 1883, esta instituição funcionou no salão do Grand Hotel Tivoli no centro da cidade até que sua sede própria ficasse pronta no final da década de 1890. Suas finalidades estavam assentadas nas celebrações dos dias festivos italianos, no auxílio mútuo dos sócios e na instrução da infância. Acolhia italianos e nacionais, principalmente aqueles que residiam no centro de Curitiba, por isso foi composta quase que exclusivamente pela elite italiana e paranaense; por políticos, intelectuais, comerciantes e artistas (MASCHIO, 2012, p.260).

<sup>7</sup> A Sociedade Giuseppe Garibaldi só viria a se tornar oficialmente maçônica em 1917 conforme informou o jornal Comércio do Paraná (MASCHIO, 2012, p.261).

No dia do ato de benção da primeira pedra do edifício houve uma solenidade com a presença de várias autoridades civis e religiosas. Nessa ocasião o cônsul italiano em Curitiba, engenheiro Ernesto Guaita, fez um discurso para que fosse providenciada a expulsão do padre qualificado como *mau-italiano* para o bom andamento da obra. Tal discurso chegou a ser publicado no jornal Gazeta Paranaense. Colbachini indignado pediu a retratação recorrendo ao cônsul do Rio de Janeiro, mas sem sucesso. Seguiu-se uma verdadeira luta de discursos, de um lado Colbachini que tinha grande influência nas colônias conseguiu angariar mais de mil assinaturas contra o cônsul<sup>8</sup>. De outro lado Guaita que influenciava, sobretudo, os moradores urbanos (artesãos, comerciantes, intelectuais) da capital obteve um número bem menor de assinaturas contra o sacerdote. O que podemos perceber é o confronto entre a visão do Estado italiano que defendia o ideal de italianidade pautada em elementos nacionais e aquela da Igreja que defendia a manutenção das práticas religiosas como fundamental para a preservação da identidade étnica. Tal conflito extremamente polvoroso na Itália pós unificação também fazia eco nas áreas de imigração.

Em carta a Mons. Spolverini, Internúncio apostólico da Santa Sede no Rio de Janeiro, Colbachini escreve sobre os conflitos enfrentados em Curitiba. Sobre as críticas e as ameaças dos liberais italianos residentes na cidade bem como dos anticlericais e maçons. Fala das perseguições que sofria de todos os lados, especialmente do ex-agente consular o Sem. Ernesto Guaita que em discurso público o qualificava como *ave noctívaga* perigosa a Curitiba. Fala dos vários artigos nos jornais e que ao fim foi imposto à Guaita de suportar a perda do posto oficial que ocupava. *Aqui e acolá são muitos os me querem morto, ou porque afastou a concubina ou porque avisou a policia das turbulências que inquietavam certas Colônias. Eu temo só a Deus e prossigo no meu caminho escreve o padre* (CARTA DE COLBACHINI a SPOLVERINI, 24.05.1888).

As dificuldades para implementar a missão no Paraná eram muitas vezes associada a presença dos liberais ao qual ele associava a maçonaria. De fato, o final do século XIX assinala um período de crise do catolicismo luso-brasileiro tendo em vista a afirmação da mentalidade liberal, sobretudo, nos centros urbanos, bem como a decadência da sociedade

---

<sup>8</sup> É importante destacar que para conseguir essas quase mil assinaturas os colonos foram convidados a assinar uma lista que os declaravam católicos. Só depois foram saber que se tratava de um baixo assinado para pedir a retratação do cônsul. Colbachini valendo de sua influência e de seu poder de persuasão entre os colonos os manipulou para conseguir seus objetivos.

patriarcal escravocrata (AZZI, 1987, p.208) Também é um período de crescimento do movimento anticlerical (MARCHETE, 1996). Tal premissa pode ser encontrada em diversos das cartas de Colbachini como esta escrita ao seu companheiro de missão Francisco Bonato em 10 de maio de 1888.

“Vós dizeis que Curitiba não é uma Zurique protestante, pois eu digo que é bem pior, é uma Nínive atea e pagã. Em Zurique, a educação do povo, faz que sejam respeitadas as opiniões, aqui a ignorância e a maçonaria acreditam de ter o direito de ridicularizar de tudo e de todos. A Vossa presença não se dirá nada e nem se mostrará sinal de desprezo, mas depois nos círculos e nos negócios se usa como pretexto para ridicularizar o nosso ministério” (COLBACHINI a BONATO, 10.05.1888).

Os conflitos entre Colbachini e os liberais novamente vem à tona no contexto da Revolução Federalista que entre 1893 e 1894 também atingiu o Paraná. A presença de seus rivais também foi engrossada por conta da vinda de imigrantes portadores das ideias anarquistas oriundos da fracassada experiência da Colônia Cecília. O clima se tornou bastante tenso quando o referido sacerdote passou a discursar nas colônias contra o envolvimento dos imigrantes no conflito, inclusive chegou a facilitar a fuga de 60 imigrantes que já estavam arregimentados (BALDIN, 2006, p.131). No início de 1894 sofreu perseguições lideradas por alguns italianos hostis a sua presença e ao seu poder de liderança entre os italianos, e que participavam do conflito. Tendo feito oposição rígida à incorporação dos colonos nas tropas do exército, onde já haviam se instalado diversos liberais, Colbachini foi hostilizado fortemente, sendo jurado de morte (AZZI, 1987, p.238).

Em carta ao bispo de Piacenza descreveu a situação de perigo pelo qual passou.

Na noite de 17 de fevereiro por obra de um indigno italiano, banido da Itália, coronel das forças revolucionárias, homem perverso, foram assaltar a minha residência de Água Verde e de Santa Felicidade, no intento de matar-me, porque eu desencorajava os italianos de alistar-se sob as bandeiras de qualquer patife que se era dado a revolução por ter modo de formar uma orda de assassinos. Os primeiros a atirar-se foram 50 italianos anárquicos de Curitiba, gente fugida da justiça italiana e que estava esperando momento para me depreciar e fazer-me as piores coisas. Dois meses tive que viver escondido em bosques pantanosos defendido de gente armada. As buscas dos mercenários para alcançar-me foram contínuas, mas não alcançaram seu fim. Agradeço a Deus de ter-me salvado de tantos riscos e comigo de ter salvado todos estes colonos que não tiveram de sofrer quase nenhum dano em oposição das colônias polonesas e mesmo de seus autóctones que sofreram enormes danos (COLBACHINI a SCALABRINI, 21.08.1894).

Das perseguições sofridas no Paraná no período da Revolução Federalista, o sacerdote retorna a sua cidade natal (Bassano Del Grappa) na Itália em 1894, onde mesmo a distância continua a influenciar os rumos da atuação scalabriniana na região. De fato, a missão escalabriniana é interrompida temporariamente porque o único sacerdote que permanece atendendo as colônias (Francisco Bonato) não chega a ingressar na Ordem criada pelo bispo de Piacenza. O próprio Colbachini, não era favorável a entrada deste, devido aos desentendimentos que com ele teve. Em 1895, chegaram os dois novos missionários escalabrianos enviados pelo bispo de Piacenza, Francesco Brescianini e Faustino Consoni, sendo que o primeiro passaria a chefiar a organização religiosa, que nesse mesmo ano teve sua sede transferida para o núcleo de Santa Felicidade (FEDALTO, 1978, p. 73). A capelania passou a contar com dois centros, um em Água Verde outro em Santa Felicidade e ainda com Francisco Bonato que continuou a trabalhar no atendimento dos colonos de Campo Largo e posteriormente de Colombo.

Em 1895, já sob os auspícios do primeiro bispo da diocese de Curitiba, D. José de Camargo Barros, que era favorável a romanização, a Capelania Curada bem como a atuação dos missionários italianos que havia sido postos de forma provisória, foi regulamentada (BALDIN, 2006, p.128).

Pietro Colbachini permaneceu na Itália até 1896 onde adere definitivamente à ordem dos padres missionários. Durante sua permanência na Itália escreve o livro *Guida Spirituale per L'Emigrato Italiano Nella America*, que foi resultado de um concurso promovido pelo bispo de Piacenza. A obra tinha como objetivo se constituir em um manual de comportamento e conduta moral para os imigrantes no caso de ausência de sacerdotes (SCARPIM, 2014). No mesmo ano de 1896 retorna ao Brasil, desta vez vai para o Rio Grande do Sul, onde funda a colônia de Nova Bassano, que posteriormente se transformaria em cidade. Continua com seu posicionamento rígido e intransigente, o que por sua vez gera novos atritos. Em 1901 já com sua saúde debilitada vem a falecer em 30 de janeiro de 1901 em Nova Bassano (TERRAGNI, 2014, p.107.).

Para finalizar podemos destacar como a atuação do padre Pietro Colbachini, demonstra os embates e os conflitos entre duas visões do catolicismo e vivências do catolicismo e que extrapola as questões religiosas. De um lado uma prática católica nacional instituída há alguns séculos que se caracterizava muito mais pela aparência, na

qual os cargos eclesiásticos muitas vezes não passavam de trampolim para benefícios políticos e financeiros. Tal prática vinha sendo transformada a partir de uma reforma conduzida por alguns bispos, defensores da romanização, que defendiam uma centralização e autonomia da Igreja Católica no Brasil. De outro, o projeto missionário escalabriniano junto aos imigrantes que se constituiu em uma das estratégias da Igreja para romanizar o catolicismo no Brasil, pautada numa cega obediência as diretrizes do papa. A busca por certa unidade do catolicismo, que naquele momento, se via ameaçado pelo crescimento dos críticos da Igreja Católica, encontrou na criação da Ordem de São Carlos um aliado para uma maior centralização da autoridade eclesiástica nas mãos do papa.

O projeto de Scalabrini, implementado no Paraná a partir do trabalho de Colbachini, não se fez de forma fácil. Ao contrário, encontrou muitas dificuldades, seja no confronto com a hierarquia eclesiástica brasileira, seja na oposição de seus críticos que defendiam projetos nacionalistas do governo italiano. É certo que iniciativas como a de Colbachini foram importantes para uma mudança profunda no catolicismo brasileiro que se verificou, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX. Entretanto cabe ressaltar que os embates verificados dão conta de uma pluralidade de ações e projetos na sociedade brasileira na qual política e religião, apesar da separação oficial implantada pelo regime republicano em 1889, não deixaram de coexistir.

## REFERÊNCIAS

- AZZI, Riolando. **A Igreja e os migrantes: os primórdios da obra escalabriniana no Brasil (1884-1904)**. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- BALDIN, Marco Antônio. **O pacificador beligerante: Alberto José Gonçalves um padre na política paranaense da 1ª República (1892-1896)**. Unesp: Franca, 2006 (Dissertação de Mestrado).
- BALHANA, Altiva Pilatti. **Imigração italiana no Paraná**. Revista Panorama: Curitiba, 1978.
- CARTAS DE PIETRO COLBACHINI (1884 a 1901) transcritas por Giovanni Terragi. Archivio Generale Scalabriniano di Roma (Inédito).
- COLBACHINI, Pietro. Le condizioni degli emigrati nello Stato di Paraná in Brasile. In. Seção documentos. **Centro Studi Emigrazione**. Numero Speciale (11-12), Roma. 1968.
- COLBACHINI, Pietro. **Pastoral do imigrante: um desafio para a Igreja do Brasil (Coleção de documentos)**. Edições Loyola/CEPEHIB, 1989.
- FEDALTO, Pedro. **O Centenário da Colônia Rebouças**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1978.
- FRANCESCONI, Mario. **Storia della congregazione scalabriniana. Vol.III (1888-1905)**. Roma: Centro Studi Emigrazione, 1973.
- FRANCESCONI, Mario. **Giovanni Battista Scalabrini: vescovo di Piacenza e degli emigrati**. Roma: Città Nuova Editrice, 1985.
- MASCHIO, Eliane Cátia Falcade. **A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes na colônias italianas de Curitiba: entre táticas e estratégias de italianità e brasilistá (1875-1930)**. Curitiba: UFPR (Doutorado em Educação), 2012.

ROSSONI, Gianfausto. Chiesa ed emigranti italiane al Brasile. Roma: **Revista Studi Emigrazione**.

AnoXIX, n.66, giugno 1982.

ROSSONI, Gianfausto. **Scalabrini tra vecchio e nuovo mondo**. Atti del convegno storico internazionale (Piacenza, 3-5 dicembre di 1987). Roma: Centro Studi Emigrazione, 1989.

SCARPIM, Fábio Augusto. Um guia para a saúde do corpo e da alma: o ideal de catolicidade defendido pelo padre Pietro Colbachini para as regiões de colonização italiana no Sul do Brasil (Artigo no prelo), 2014.

TERRAGNI, Giovanni. **Scalabrini e la congregazione dei missionari per gli emigrati. Aspetti istituzionali 1887-1905**. Roma: autorinediti, 2014.

TROVA, Assunta. Bonomelli, Scalabrini e il dibattito sulla emigrazione. **Rivista Movimento Operaio e socialista**. Anno IV (Nuova Serie) n.1-2, Gennaio-Giugno, 1981.